

GIDDENS, Anthony. 2002. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 233 p.'

Mareio Gomes de Sá

A modernidade deve ser entendida num nível institucional; mas as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e portanto com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre os dois "extremos" da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais do outro, (GIDDENS, 2002, p. 9)

Tido por muitos como principal filósofo social anglo-saxão da época contemporânea, Anthony Giddens desenvolve em *Modernidade e Identidade* argumentos que buscam analisar a natureza dessas interconexões, enfatizando o surgimento de novos mecanismos de auto-identidade que tanto são constituídos pelas instituições da modernidade, quanto as constituem.

A princípio, 'Os contornos da alta modernidade' são apresentados numa perspectiva de que estaríamos vivendo num contexto de modernidade – tardia, alta ou radicalizada, como outros chamam - no qual o indivíduo se vê inserido numa ampla e complexa "teia global" que tem influência, direta ou indireta, no seu dia-a-dia e, mais do que isso, na sua psique. Desta forma, as interconexões que Giddens se propõe a investigar são questão central no processo de auto formação identitária, assim como na compreensão desta interpretação sobre o cenário de início do século XXI.

A separação de espaço e tempo, os mecanismos de desencaixe e a reflexividade institucional são apresentados como características elementares do dinamismo da modernidade. Os rearranjos das múltiplas e

1 Edição brasileira do original: GIDDENS, Anthony. 1999. *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*. Oxford, UK: Polity Press.

indissociáveis relações global/local estão, cada vez mais, presentes no cotidiano dos habitantes do planeta, principalmente das populações urbanas c/ou que têm acesso aos meios de conexão do local com o global. Que impactos estas mudanças têm na formação do "eu"? Quais os possíveis caminhos e as potencialidades do surgimento de uma "reflexividade do eu" e suas conseqüências nas estruturas institucionais modernas? Estas duas questões podem ser consideradas como as indagações norteadoras que permeiam o pensamento de Giddens por todo o livro.

Ao se deparar com esta alta modernidade, o sujeito se vê tolhido, e até invadido, por regimes não mais centrados na tradição e nos seus diversos rituais. Em 'O eu: segurança ontológica e ansiedade existencial', Giddens aborda as questões existenciais com as quais os sujeitos se confrontam ao verem suas bases ontológicas postas em xeque no pós-tradicionismo que o autor tanto defende. O ideal de construção da sua própria identidade se distancia de um ser solto, perdido, desorientado e extremamente suscetível à necessidade de velocidade imposta pelo ritmo de vida contemporâneo. Uma ansiedade existencial toma-se praticamente inevitável, levando ao desenvolvimento de distúrbios psicossomáticos evidenciados na forma como muitas pessoas encaram a vida e suas atividades. Para o autor, a terapia e a postura reflexiva perante a vida seriam os possíveis caminhos para uma atitude emancipada diante dos desafios impostos no nosso tempo.

Hoje vive-se num mundo no qual constantemente resultados são cobrados. Mas quem foi que disse que as pessoas estão preparadas, ou conseguem, ou realmente querem conviver com estas pressões externas que, muitas vezes, acabam se transformando em ansiedades do "eu"? A ânsia de ser (ou melhor, de mostrar que é!) e de mostrar que é capaz de "fazer e acontecer" norteia a ação de "indivíduos-objetos" de um sistema de vida que privilegia resultados, principalmente mensuráveis - índices objetivos e socialmente acordados, institucionalizados, tidos como indicadores de sucesso, "ouro de tolo" como diria o poeta.

Esta lógica sistêmica socialmente absorvida e alimentada relega "aos meandros mais profundos e escondidos do inconsciente" questões substantivas, tais como: Quem realmente sou? Porque vivo assim? Qual é a razão da minha vida? Para onde quero ir? Ao que parece, a sequência de atividades continuadas e o ritmo alucinante de nossas vidas "nos impedem" - ou então funcionam como mecanismos de defesa para que estes pontos

não sejam evidenciados, afinal, na alienação é muito mais fácil e cômodo se considerar feliz – de sentar e pensar sobre questões basilares num projeto de vida. As pessoas parecem então "vagar como cães sem dono", como outrora afirmou Schumpeter, e assim se tomam "presas fáceis" para discursos fundamentalistas.

Em 'A trajetória do eu', as questões e problemáticas expostas no parágrafo anterior dão início às observações de Giddens sobre auto-identidade e modernidade; estilo de vida e planos de vida; a relação pura; o corpo e a auto-realização; e a reflexividade do corpo.

A busca por segurança, o fatalismo e a vida no risco são os temas centrais de 'Destino, risco e segurança', que aborda a dificuldade da conscientização de que se pode viver numa "sociedade de risco."², sem ter obrigatoriamente que se entregar ao determinismo ou, então, entrar em desespero devido ao sentimento constante de insegurança e ao medo de que algum risco de alta consequência (uma catástrofe nuclear, por exemplo) destrua por completo a vida humana no planeta – angústias mundiais que levam pessoas a terem suas vidas transtornadas. O engajamento em movimentos e grupos de pressão da sociedade civil organizada é crescente e pode ser considerado como uma reação natural à forma como a natureza vem sendo destruída. O "fim da natureza" é apontado pelo autor como uma realidade já que o homem desenvolveu, através de sistemas abstratos, formas diversas de controlá-la, modificá-la e construí-la. Os domínios técnicos alcançados pela humanidade hoje são significativos por demais, entretanto, eles são confrontados com princípios equivocados de por quê? E para quê?

O "fim da natureza" implica em observar que o mundo transformou-se num ambiente criado, construído por meio de sistemas especializados, intercambiáveis através de fichas simbólicas. Na medida em que cresce uma necessidade de vigilância capaz de pormenorizar as diferenças devido à orientação moderna para o controle em relação à reprodução social e à auto-identidade, provocando assim consequências ao nível da experiência moral, Giddens se refere genericamente a estas consequências como 'A segregação da experiência'.

Nas arenas de segregação, o crime e a loucura são tidos como problemas extrínsecos à humanidade e que provocam desordem no sistema, devendo, portanto, ser isolados. O narcisismo é um fenômeno

² BECK, Ulrich. 1992. *Risk society: towards a new modernity*. Londres: Sage.

crescente que faz com que muitos acreditem que os eventos do mundo acontecem em tomo de si; esta exacerbação do "eu" pode ser vista como patológica.

Apesar de defender abertamente a terapia como meio para se desenvolver a reflexividade do "eu", Giddens ressalta que são inúmeras as formas e os posicionamentos dos especialistas e que a dependência deste processo também pode ser nociva, já que o ideal da autoterapia deve ser perseguido porque a reflexividade precisa ser inerente ao sujeito neste cotidiano moderno. As 'Tribulações do eu' são inúmeras, de origens múltiplas e exaustivamente abordadas não apenas no capítulo específico, mas por todo o livro.

'O surgimento da política-vida' é o argumento final de *Modernidade e Identidade*. Nele, Giddens apresenta sua concepção de política emancipatória como sendo uma política voltada para a libertação, justiça e igualdade social, enquanto a política-vida, através do privilégio da reflexividade, possibilitaria ao sujeito ser autor e decisor do seu projeto de vida e do estilo de vida que ele adotaria, sendo esta decisão fruto de sua liberdade de escolha e do seu poder como capacidade transformadora. O eu, o corpo e as relações das vidas pessoais com as vidas de todo o planeta são os pontos com os quais o autor 'amarra sua argumentação' finalizando o livro.

Mas o que oferece Giddens além de uma penca de termos de significados por ele atribuídos aleatoriamente? A inter-relação entre a identidade e as consequências da modernidade realmente é discutida com boa profundidade e demonstra como nossos "eus" estão suscetíveis às instituições modernas. A emancipação e a reflexividade são os "tesouros preciosos" que todos precisam "encontrar, exercitar e guardar com cuidado". Mas como torná-los acessíveis aos milhões de famintos do globo? Talvez não nesta geração, mas um dia... a felicidade alienada que é cultivada de modo fanático por grande parte da população - seduzida pelos encantos do sistema de objetos que a controla - possa vir a ser substituída por uma dignidade coletiva culminada pela formação humana para uma vida liberta, emancipada e reflexiva. Não seria então a vida liberta, emancipada e reflexiva o ideal a ser perseguido através de discurso e ação articulados pelos novos movimentos sociais, por exemplo?